



# **DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA**

**Abordagens do papa Francisco  
em relação às questões sociais**

**Autores:**

Padre Altair Manieri  
Padre Jeferson Nogueira da Matta  
Padre Leomar Antônio Montagna



Comissão Episcopal  
para a Ação  
Sociotransformadora



Comissão Episcopal  
para a Ação  
Sociotransformadora

## **EXPEDIENTE**

Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Cepast-CNBB)

### **PRESIDENTE**

Dom José Valdeci Santos Mendes  
Bispo Diocesano de Brejo (MA)

### **BISPOS REFERENCIAIS**

Dom Geremias Steinmetz  
Arcebispo de Londrina (PR)

Dom João Aparecido Bergamasco  
Bispo Diocesano de Primavera do Leste – Paranatinga (MT)

Dom José Reginaldo Andrietta  
Bispo Diocesano de Jales (SP)

Dom José Ionilton de Oliveira  
Bispo da Prelazia do Marajó (PA)

Dom Limacedo Antônio da Silva  
Bispo Diocesano de Afogados da Ingazeira (PE)

### **ASSESSORIA**

Alessandra Miranda  
Padre Dário Bossi

## **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO**

Cláudia Pereira  
Jucelene Rocha

## **REVISÃO**

Paulo Castro

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Mateus Leal

## **APOIO**

Misereor e Porticus

*A Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Cepast-CNBB) tem como atribuição fortalecer a participação da Igreja na formação do desenvolvimento humano integral, na construção de uma sociedade justa e solidária, promovendo o respeito aos Direitos Humanos, à luz do Evangelho, da Doutrina Social da Igreja (DSI) e da opção pelos pobres. Sua missão é ser um instrumento de transformação da realidade à luz da Palavra de Deus e das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) na promoção da pessoa e da comunidade, para que estas se tornem protagonistas, promotoras e defensoras da vida. A título de subsídio, oferecemos um estudo sobre o valor de se propagar um maior conhecimento da Doutrina Social da Igreja em todos os âmbitos eclesiais, para animar, fortalecer e mobilizar as Pastorais Sociais e os Movimentos Populares em vista da construção de uma sociedade mais de acordo com os valores do Reino de Deus propostos por Jesus Cristo.*



COLEÇÃO AÇÃO  
SOCIOTRANSFORMADORA

ESTUDO 3

## Doutrina Social da Igreja

# Sumário

Clique nos temas abaixo para  
acessar o seu conteúdo 

**INTRODUÇÃO** **05**

---

**VOLTAR AO EVANGELHO É SER O ROSTO  
DA IGREJA PROFÉTICA E RENOVADA** **08**

---

**ECOLOGIA INTEGRAL: CUIDAR DOS  
POBRES E CUIDAR DA TERRA** **31**

---

**A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA,  
A POLÍTICA E O PAPA FRANCISCO** **46**

---

# 1

## INTRODUÇÃO

A profundaremos nesta publicação alguns conteúdos da Doutrina Social da Igreja a partir dos documentos e pronunciamentos do Papa Francisco, principalmente das suas grandes publicações: **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** (2013), ***Laudato Si – Sobre o cuidado da casa comum*** (2015), ***Gaudete et Exsultate – Sobre o chamado à santidade no mundo atual*** (2018), ***Fratelli Tutti – Sobre a fraternidade e a amizade social*** (2020) e ***Laudate Deum – Sobre a crise climática*** (2023).

O Papa Francisco pôs, de fato, fim à estação cinzenta da “normalização” e não fez mistério de ligar-se ao impulso profético do Papa Roncalli do Concílio e de Paulo VI. Com o seu **convite a voltar ao Evangelho**, promove na Igreja um autêntico espírito de sinodalidade.

Sem negar o papel insubstituível da razão no anúncio da fé, Francisco prefere mostrar a força renovadora do Evangelho vivido e do testemunho da vida. Ele está convencido de que o **testemunho evangélico dado com a própria existência é mais eficaz do que um tratado teológico**. Para o pontífice, viver o Evangelho leva a compreender a mensagem de Cristo muito melhor do que uma longa encíclica, o que não significa absolutamente diminuir a importância das intervenções doutrinárias do

magistério. Porém, mais do que anunciar a verdade nos termos abstratos da filosofia e da teologia, o novo Papa prefere testemunhá-la por meio da linguagem concreta da vida, que todos e todas entendem.

O documento fundamental no qual está amplamente exposta a “opção evangélica” do Papa Francisco continua sendo a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. O próprio Papa, no seu discurso no **5º Congresso Nacional Eclesial de Florença**, pediu que ela seja estudada, aprofundada e traduzida na prática por toda a Igreja:

Permiti-me apenas vos deixar uma indicação para os próximos anos: em cada comunidade, em cada paróquia e instituição, em cada diocese e circunscrição, em cada região, procurai iniciar, de modo sinodal, um aprofundamento da *Evangelii Gaudium*, para tirar dela critérios práticos e para realizar as suas disposições.<sup>1</sup>

Francisco introduz o pensamento sistêmico na Doutrina Social da Igreja, segundo o qual todos os fatores sociais estão relacionados no paradigma da **Ecologia Integral**. Seu ensinamento é integral, articulando as dimensões social e ambiental, econômica e política, histórica e cultural, teológica e ética. Seu pontificado não deixa ninguém indiferente, sendo amado por

---

<sup>1</sup> Visita pastoral do Papa Francisco a Prato e a Florença. Encontro com os participantes do V Congresso da Igreja italiana. Discurso do Santo Padre na Catedral de Santa Maria del Fiore, Florença, em 10/11/2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151110\\_firenze-convegno-chiesa-italiana.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html)>.

uns, combatido por outros. Suas opções pastorais estão notavelmente vinculadas à **Teologia do Povo**, versão argentina da **Teologia da Libertação latino-americana**. Para simbolizar a reabilitação dessa teologia, incompreendida por João Paulo II e pelo cardeal Ratzinger, o Papa Francisco recebeu Gustavo Gutierrez em audiência e canonizou Dom Oscar Romero, bispo mártir de El Salvador.

Esta nova etapa da DSI está em continuidade com a tradição e os ensinamentos de seus antecessores. Ao reorientar toda a Igreja a olhar o mundo a partir dos pobres e descartados, Francisco reitera a ética social de vinte séculos da história do Cristianismo. A DSI sempre insistiu na urgência do acesso universal aos bens da terra, no direito à habitação e ao trabalho digno. **São os três “T”: terra, teto, trabalho. “Estar com os pobres é Evangelho, não comunismo”** (EG, p. 198-199).

O ensino social ocupa lugar privilegiado nos dois grandes textos de Francisco. Um capítulo inteiro da *Evangelii Gaudium* (EG) (capítulo 4: “A dimensão social da evangelização”) encontra-se no centro da Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum: “Esta carta encíclica se insere no magistério social da Igreja” (LS, p. 15). Para o Papa, a dimensão social está inserida desde as origens, de modo que é visível, em seus documentos, a unidade teológica entre a Criação e o Reino de Deus. A *Evangelii Gaudium* parte do “**Evangelho do Reino de Deus**” e “**Laudato Si**” dedica o segundo capítulo ao “**Evangelho da Criação**”.

# 2

## VOLTAR AO EVANGELHO É SER O ROSTO DA IGREJA PROFÉTICA E RENOVADA

### Ser uma Igreja livre de toda obsessão de poder

**D**epois do Concílio Vaticano II, a Igreja não se apresentou mais como uma “sociedade perfeita”, dotada de um poder político semelhante ao dos Estados, fechada dentro das suas fronteiras territoriais, reconhecidas e garantidas pelo direito internacional (o chamado “regime de cristandade”; no Brasil, de “padroado”). Ela é, ao contrário, o “povo de Deus a caminho através da história”, é uma Igreja livre, de comunhão, que sai do ambiente fechado dos seus privilégios e dos muros do templo para fazer-se presente e próxima de cada pessoa humana, onde se vive e se trabalha, onde se constrói a cidade, onde se sofre e se morre. É uma comunidade aberta, à qual, de modo variado, pertencem ou estão ordenados tanto os católicos quanto os cristãos das outras confissões, bem como todas as pessoas que Deus quer indistintamente salvas (LG, p. 13).

É uma Igreja não voltada para si mesma, nem preocupada, sobretudo, com os seus problemas internos:

Deve-se evitar, repete o Papa Francisco, a doença espiritual da Igreja autorreferencial. Quando isso acontece, a Igreja adoece. É verdade que, ao sair pelo caminho, como acontece a todo homem e a toda mulher, podem acontecer incidentes. Mas se a Igreja permanece fechada em si mesma, autorreferencial, envelhece. E entre uma Igreja acidentada que sai pelo caminho e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não tenho dúvida em preferir a primeira.<sup>2</sup>

Livre da obsessão do poder, a Igreja poderá absorver melhor a função de consciência crítica e profética da sociedade, poderá abrir-se com coragem e com credibilidade aos desafios da justiça e da paz, da fome e da crise ambiental e climática.

## **Fazer a opção pelos pobres**

Na vida dos pobres realmente manifesta-se a gratuidade da salvação de Deus, o qual, de rico que é, se fez pobre para que nós nos tornemos ricos por meio da pobreza (2Cor 8,9).

A opção evangélica pela pobreza e pelos pobres não se apoia só no sentimento. O primeiro ato de solidariedade para

---

<sup>2</sup> *Civiltà Cattolica* I, 2013. Apud *SORGE, Bartolomeo*. Breve Curso de Doutrina Social. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 152.

com os pobres está em mudar os mecanismos perversos que geram o seu sofrimento. Diz o Papa Francisco, no discurso ao Congresso Eclesial de Florença, citando a *Evangelii Gaudium*:

Somos chamados a descobrir Cristo nos pobres, a emprestar a eles a nossa voz nas suas causas, mas também a viver próximo deles, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa experiência que Deus quer comunicar-nos através deles (EG, p. 198).

A perspectiva dos pobres é fundamental para a realização efetiva do bem comum (LS, p. 158). “É insustentável o comportamento daqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana” (LS, p. 193). As necessidades dos pobres devem ter prioridade sobre os desejos dos ricos; os direitos dos trabalhadores, sobre o incremento dos lucros; a proteção dos bens sociais (educação, saúde e segurança alimentar), sobre uma produção com objetivos militares. Há uma hierarquia de necessidades materiais. As necessidades primárias são direitos humanos: existência, integridade física, digno padrão de vida no que se refere à alimentação, ao vestuário, à moradia, ao repouso, à assistência médica e aos serviços sociais.

A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é um mandamento. Trata-se de devolver

aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino universal dos bens não é um adorno retórico da Doutrina Social da Igreja. É uma realidade anterior à propriedade privada.<sup>3</sup>

## Ser uma Igreja serva

“O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45). A Igreja, já tinha dito o Concílio, “não coloca a sua esperança nos privilégios que lhe oferece a autoridade civil. Mais ainda, ela renunciará ao exercício de alguns direitos legitimamente adquiridos, quando verificar que o seu uso põe em causa a sinceridade do seu testemunho” (GS, p. 76).

É fundamental que a Igreja seja serva humilde, que ponha a sua confiança apenas na Palavra de Deus, na santidade dos seus filhos e no serviço aos pobres, evitando – como pede o Concílio mesmo – também a simples aparência de se apoiar nos privilégios concedidos pelos poderosos da vez.

O primeiro serviço é o de que sejamos “servos da comunhão”. Um dos grandes méritos do Concílio foi reafirmar no plano teológico o **primado da comunhão sobre a instituição**, da comunhão entendida como “caminhar juntos”, como sinodalidade. Exatamente por isso, baseado na eclesiologia da comunhão, o Papa Francisco insiste muito que o “espírito sinodal” nas relações entre o Papa e os Bispos e entre os diversos componentes

---

<sup>3</sup> Segundo Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa Francisco, realizado em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), em 09/07/15. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco\\_20150709\\_bolivia-movimenti-popolari.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html)>.

eclesiais seja entendido como espírito de serviço para a comunhão, compreendendo a “colegialidade” em sentido espiritual e místico, antes ainda do que em sentido jurídico. Nesse sentido, o “espírito de sinodalidade” deverá animar todas as formas de colaboração e de participação entre os diversos componentes da Igreja, não tanto por razões de eficiência organizativa, quanto por uma profunda razão eclesiológica e profética. Todo aquele que tem um papel na Igreja é chamado não a exercer um poder, mas a cumprir um serviço, o serviço da comunhão. É o princípio sobre o qual está fundada a colegialidade na Igreja.<sup>4</sup>

**Chegar aos afastados e excluídos:** “Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem, assim, o **“cheiro de ovelhas”** e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a acompanhar” (EG, p. 24).

**Chegar às periferias:** a Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não apenas geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e da recusa religiosa, do pensamento, de toda a miséria. A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas

---

<sup>4</sup> Também os **movimentos devem estar em comunhão com a Igreja local:** “Frequentemente, trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja. Mas é muito salutar que não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular. Esta integração evitará que **fiquem somente com uma parte** do Evangelho e da Igreja ou que se transformem em nômades sem raízes” (EG, p. 29).

abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção e nem sem sentido (EG, p. 46).

Ouvir o clamor dos pobres, assumir as alegrias e as angústias especialmente de quem sobrevive nas periferias urbanas e rurais, como as/os sem-terra e as/os sem teto, reconhecer todo esse povo como “lesado em seus direitos”, escandalizar-se com a fome ao lado do alimento desperdiçado, isso tudo parece não deixar dúvidas de que este Papa tem um lado, pois ele fala claro sobre sua posição, não tergiversa e, quando endossa as palavras dos bispos brasileiros, proclama firmemente que **a pobreza e a miséria são causadas por violações de direitos** (EG, p. 191).

As grandes mudanças da história foram realizadas quando a realidade é vista não do centro, mas da periferia. É uma questão hermenêutica: compreende-se a realidade somente se a se vê desde a periferia, e não se o nosso olhar está focado num centro equidistante de tudo. Fundamental é conhecer a realidade por experiência, dedicar um tempo para andar na periferia e conhecer a vida do povo. Se isto não acontece, corremos o risco de sermos ideólogos abstratos ou fundamentalistas, e isto não é sadio.<sup>5</sup>

---

**5** Encontro do Papa com os Formadores da **União Geral dos Superiores dos Institutos Religiosos Masculinos em 06/01/14, no Vaticano**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526951-qformem-o-coracao-caso-contrario-formarao-pequenos-monstrosq-os-seminarios-segundo-o-papa>>.

Para o Papa Francisco, os semeadores da mudança estão nas periferias do mundo e o protagonismo é atribuído aos movimentos populares na política.

O futuro da humanidade não está somente nas mãos dos grandes líderes, das grandes potências e das elites. Está, sobretudo, nas mãos dos povos; na sua capacidade de organizar-se e, também, nas mãos que irrigam, com humildade e convicção, este processo de mudanças. Os povos do mundo querem ser artífices do seu próprio destino. Nenhum poder efetivamente constituído tem o direito de privar os países pobres do pleno exercício da sua soberania. Os pobres não só padecem a injustiça, mas também lutam contra ela! Basta de passividade à espera de soluções que venham de cima.<sup>6</sup>

O Papa Francisco também faz um alerta aos Movimentos Populares e a todos nós, cristãos comprometidos com o bem comum:

Enquanto vocês se mantiverem limitados às políticas sociais, enquanto vocês não colocarem em discussão a política econômica ou a política com letra maiúscula, vocês são tolerados. **Quando vocês ousarem colocar em discussão as macrorrelações, quando gritarem, quando indicarem**

---

<sup>6</sup> Segundo Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa Francisco, realizado em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), em 09/07/15.

**ao poder um planejamento mais integral, então não serão tolerados.** Porque estão saindo do ‘formato’, estão se colocando no terreno das grandes decisões que alguns pretendem monopolizar em pequenas castas. Vocês, organizações dos excluídos e tantas organizações de outros setores da sociedade, são chamados a revitalizar, a refundar as democracias, que estão passando por verdadeira crise. Não caiam na tentação da limitação, que os reduz a atores secundários ou, pior, a meros administradores da miséria existente.<sup>7</sup>

- **Crítica implacável ao capitalismo neoliberal**

Mencionaremos, de maneira especial, as palavras do Papa Francisco pronunciadas nos **três Encontros Mundiais realizados com os Movimentos Populares**<sup>8</sup> e, também, no **Documento *Oeconomicae et Pecuniariae Quaestiones*** (“Questões Econômicas e Financeiras”) – Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspectos do atual sistema econômico-

---

<sup>7</sup> Terceiro Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa Francisco, realizado no Vaticano, em 05/11/16. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco\\_20161105\\_movimenti-popolari.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html)>.

<sup>8</sup> O Primeiro Encontro foi realizado no Vaticano em 28/10/14. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141028\\_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html)>. O Segundo Encontro foi realizado em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) em 09/07/15. O Terceiro encontro foi, novamente, realizado no Vaticano em 05/11/16 (já citados).

-financeiro.<sup>9</sup> Em nosso contexto atual, o Papa Francisco levanta as questões apresentadas a seguir.

“Quem nos governa, então? O dinheiro. Como governa? Com o chicote do medo, da desigualdade, da violência econômica, social, cultural e militar, que gera sempre mais violência, em uma espiral descendente, que parece não acabar nunca. Quanta dor, quanto medo!” (III Encontro).

Francisco define essa economia como ditadura sutil e insuportável: “Não a suportam os camponeses, não a suportam os trabalhadores, não a suportam as comunidades, não a suportam os povos” (II Encontro).

O Papa ressalta, ainda:

Quantas palavras se tornaram ofensivas para este sistema! Molesta que se fale de ética, molesta que se fale de solidariedade mundial, molesta que se fale de distribuição dos bens, molesta que se fale de defender os postos de trabalho, molesta que se fale da dignidade dos fracos, molesta que se fale de um Deus que exige um compromisso em prol da justiça (EG, p. 203).

---

<sup>9</sup> Documento da Congregação para a Doutrina da Fé, publicado em 06/01/18. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/05/17/0360/00773.html#portoghese>>.

A teologia social de Francisco deslegitima moralmente o sistema em seu coração corrompido. Questiona e nega os elementos estruturais e constitutivos perversos do capitalismo teórico, prático e real. O sistema hegemônico (EG, p. 54, 56, 59 e 203) se caracteriza como uma “economia da exclusão”, um mercado regido por uma autonomia absoluta (EG, p. 202), cujos interesses são “regra absoluta” (EG, p. 56), um mercado divinizado (EG, p. 56), com uma idolatria (mecanismos sacralizados) (EG, p. 54), com a “idolatria do dinheiro” (EG, p. 55 e 57) e a “rejeição de Deus” (EG, p. 57). O Papa é profético quando afirma que **“o sistema social e econômico é injusto em sua raiz” (EG, p. 59).**

Trata-se de um sistema que fez do dinheiro um ídolo, que exige sacrifícios de inocentes. O Papa Francisco já havia denunciado veementemente a globalização da indiferença, quando celebrou a missa em **Lampedusa**, na Itália, em 08/07/13, pelas vítimas dos naufrágios.<sup>10</sup>

O capitalismo desregulado é como Herodes, que semeou a morte de inocentes para defender seu próprio bem-estar. Trilhões de dólares são desperdiçados no complexo industrial-militar e no socorro ao sistema financeiro, enquanto milhões de seres humanos são abandonados nos infernos da fome, do analfabetismo, da guerra, do desemprego. Francisco denuncia a opressão sobre os pobres e a espoliação do trabalhador como dois pecados que clamam por Deus. “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24).

O capitalismo é incapaz de distribuir a riqueza produzida a todos os membros da sociedade. É um sistema que explora, marginaliza e exclui. Francisco questiona e deslegitima moralmente

---

**10** A referida Homilia do Papa Francisco em Lampedusa é um verdadeiro Curso de Doutrina Social, muito emocionante: “Peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença”. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130708\\_omelia-lampedusa.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html)>.

o capitalismo, negando seus elementos constitutivos e estruturais perversos, como também sua antropologia burguesa do individualismo egoísta e não solidário, sem nenhuma preocupação com o bem comum: “Se cada ação tem consequências, um mal embrenhado nas estruturas de uma sociedade sempre contém um potencial de dissolução e de morte. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor” (EG, p. 59). A superação do individualismo possibilita uma mudança relevante na sociedade” (LS, p. 208). A denúncia profética é posta a serviço da esperança (LS, p. 76).

- **Crítica ao mercado: economia da desigualdade**

O ponto de partida dessa crítica é a pobreza e a exclusão social. O Papa aborda o sistema econômico pela via do sofrimento do pobre. Essa miséria inclui muitos aspectos. Em primeiro lugar, trata da pobreza material, da fome e da privação extrema, incluindo o trabalho escravo, os imigrantes, o desemprego, o drama dos refugiados etc. “Enquanto os benefícios de uns poucos crescem exponencialmente, a maioria está ficando distante do bem-estar de uma minoria feliz” (EG, p. 56). Francisco identifica as raízes da pobreza, da exclusão e da violência contra os pobres. É evidente o nexo de desigualdade existente entre o primeiro pilar (miséria e sofrimento) e o segundo (o sistema socioeconômico).

As desgraças deste mundo têm, antes de tudo, uma razão comum, sistêmica, um fio de ouro que perpassa todas as injustiças e violências: “Essa economia mata” (EG, p. 53), atingindo, assim, o coração ideológico do sistema dominante: “Não podemos confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado” (EG, p. 204).

Tudo deve ser encontrado no mercado. Tudo é objeto de lucro. A mercantilização de tudo transforma a sociedade em uma sociedade de mercado. Uma sociedade de mercado exige a subor-

dinação da política à sua lógica. A economia se torna hegemônica, determina sua própria organização e a organização global da sociedade. A economia é confiscada por um pequeno número de atores. A economia não está mais inserida nas relações sociais, mas as relações sociais estão inseridas no mercado. Tal sociedade se orienta estritamente pela competitividade e pelo individualismo. Estamos regressando a formas primitivas de barbárie social.

Para o Papa Francisco, a pessoa humana deve ser o centro do sistema econômico. Ele conhece o capitalismo periférico, gerador de uma escandalosa acumulação de riqueza em pouquíssimas mãos, à custa da exclusão e da pobreza das grandes majorias. “Este sistema social e econômico é injusto em sua raiz” (EG, p. 59). Suas formulações recordam o magistério dos bispos latino-americanos em Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida (2007), como também a Teologia da Libertação.

O Papa pede para passar de uma economia que objetiva somente ao lucro, baseada em especulação e nas finanças, para uma economia social que invista em pessoas e garanta o seu bem viver, de modo a passar de uma economia que tende a favorecer a corrupção como meio de obter benefícios para uma economia social que garanta o acesso aos “três T”: terra, teto e trabalho. Em suma, é necessário repensar todo o sistema econômico, para que a pessoa seja o centro e em que o mercado seja controlado pela comunidade política e pela ética (LS, p. 189-198).

No capítulo 2 da *Evangelii Gaudium* (EG, p. 52-67), o Papa destaca a exigência ética em construir uma economia a serviço dos povos. A análise oferece elementos de discernimento (EG, p. 50-51). A denúncia se expressa em forma de “não”: “Não a uma economia da exclusão” (EG, p. 53-54), “não à nova idolatria do dinheiro” (EG, p. 55-56), “não a um dinheiro que governa em lugar de servir” (EG, p. 57-58), “não à iniquidade que gera violência” (EG, p. 59-60).

## **Sete pontos sintetizam a crítica de Francisco ao capitalismo neoliberal, como mostrados a seguir.**

**1. Cultura do descarte:** a exclusão é mais do que mera exploração. O neoliberalismo inaugurou a cultura do descarte. Com a exclusão, o pertencimento à sociedade é afetado na raiz. Já não se está mais abaixo ou na periferia. Está-se fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”. Estamos em uma nova fase da civilização. “Não pode ser que não seja notícia que um idoso morador de rua morra de frio, mas que uma queda de dois pontos no mercado de ações o seja. Isso é exclusão. Não se pode tolerar que se jogue comida no lixo quando há pessoas que morrem de fome. Isso é iniquidade” (EG, p. 53).

Vivemos em um tempo confuso e desorientado, em que a verdadeira divindade é substituída por um ídolo enganador. Nesse sistema, a primazia do ser humano é negada para dar lugar ao dinheiro e à sua lógica. “Criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (Ex 32,1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia<sup>11</sup> sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano” (EG, p. 55). Quando sua lei é imposta, surgem desequilíbrios justificados por ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados (EG, p. 56). A competitividade se torna

---

**11** A expressão “ditadura da economia ou do dinheiro” não é nova na DSI. Ela aparece na Encíclica de Pio XI em 1931, a *Quadragesimo Anno*: “A livre concorrência matou-se a si própria; a ditadura da economia se impôs sobre a liberdade de mercado; a avidez do lucro foi seguida pela desenfreada ambição de poder; toda a economia se tornou horrendamente dura, cruel, atroz” (QA, p. 109). Essa tendência foi acentuada com a globalização do capitalismo financeiro neoliberal, que provocou a crise atual.

a única lei da civilização neoliberal, em que o poderoso destrói o mais fraco (EG, p. 53). Jesus ensinou que não se pode servir a Deus e ao dinheiro (Lc 16,12) e São Paulo afirma que a avareza é a raiz de todos os males (1Tm 6,10): percebemos que a causa da exclusão é estrutural. A lógica do mercado absolutiza e alimenta o pecado da avareza e a sociedade está anestesiada pelo consumismo, sem reagir. Os indivíduos estão ocupados em alimentar seu egoísmo, o que impede ações coletivas mais eficazes em favor da justiça social, gerando uma sociedade desolada, na qual a angústia e o conformismo dificultam uma atitude mais reativa diante das crises e um compromisso maior com o bem comum.

**2. Corrupção sistemática:** a corrupção e seus laços indissociáveis com o poder e o dinheiro, tanto em nível internacional quanto nacional, são um fenômeno que não se circunscreve ao âmbito ético-moral, mas o ultrapassa, configurando um problema intrínseco a todo sistema apoiado na avareza. “A corrupção não é um vício exclusivo da política. Existe corrupção na política, nas empresas, nos meios de comunicação, nas igrejas e existe corrupção também nas organizações sociais e nos movimentos populares”.<sup>12</sup> Seu processo de desenvolvimento histórico está as-

---

**12** Trecho interessante do Papa Francisco no III Encontro Mundial dos Movimentos Populares: “A qualquer pessoa que seja demasiado apegada às coisas materiais ou ao espelho, a quem ama o dinheiro, os banquetes exuberantes, as casas sumptuosas, roupas de marca, carros de luxo, aconselharia que compreenda o que está a acontecer no seu coração e que reze a Deus para que o liberte destes laços. Mas [...] todo aquele que seja apegado a estas coisas, por favor, que não entre na política, não entre numa organização social ou num movimento popular, porque causaria muitos danos a si mesmo, ao próximo e sujaria a nobre causa que empreendeu. **E que também não entre no seminário!**”.

sociado à constituição de laços de corrupção entre os grupos políticos que comandam os Estados nacionais e os grupos privados que detêm o poder econômico. A corrupção desponta quando há concentração de poder. Torna-se um estratagema que auxilia quem já dispõe de poder a conseguir ainda mais poder: a corrupção é funcional. A concentração da riqueza sempre tem sido acompanhada de casos de corrupção.

**3. O mercado se sobrepõe à solidariedade:** o ser humano está submetido às leis do mercado. Sua redução a um bem de consumo é outra expressão marcante dessa idolatria do dinheiro (EG, p. 53). Tem valor na medida em que tem valor monetário, senão se torna sobra, descartável.

Trata-se de um sistema que está matando a capacidade de amar o próximo. Está desumanizando. A economia potencializa uma competitividade que deteriora as relações pessoais, porque considera o outro um adversário e não um irmão. O sistema descarta pessoas e anula a solidariedade para com elas. Isso leva ao aumento das desigualdades, pois beneficia a quem tem mais. Os mercados internacionais de alimentos produzem fome, a indústria farmacêutica visa ao lucro e condena à morte milhares de pessoas por doenças curáveis. A obsessão descontrolada por acumular riqueza em curto prazo leva os indivíduos a se fecharem ao outro.

**4. Globalização da indiferença:** a globalização da indiferença faz as pessoas viverem anestesiadas pelo consumo e olharem com naturalidade a situação de abandono, sofrimento e desespero em que vivem milhares de pessoas (EG, p. 54). Isso é agravado com uma mentalidade cada vez mais individualista, que leva à indiferença para com a situação do outro (EG, p. 61).

**5. Teoria do gotejamento:** trata-se de uma teoria que foi utilizada durante a Grande Depressão dos anos de 1930 para explicar que é preciso beneficiar os mais ricos para que eles possam criar mais riqueza, que, por sua vez, começará a gotejar para os de baixo. A realidade desmente a teoria. Os ricos beneficiados escondem seu dinheiro em paraísos fiscais, especulam na bolsa de valores, fraudam impostos e investem no sistema financeiro.

Quanto mais distributivo for um modelo econômico, mais eficiente ele se torna. Quanto mais a riqueza for concentrada nas mãos dos ricos, menos riqueza ela goteja. Os mais ricos conseguiram convencer a maioria da sociedade de que o referido sistema é justo e bom para todos.

Não basta deixar caírem algumas gotas, quando os pobres agitam este copo, que, por si só, nunca derrama. Os planos de assistência que acodem a certas emergências deveriam ser pensados apenas como respostas transitórias. Nunca poderão substituir a verdadeira inclusão: a inclusão que dá o trabalho digno, livre, criativo, participativo e solidário (II Encontro).

**6. Neoliberalismo, neoestado:** controlar o Estado é uma condição para a manutenção da ditadura do dinheiro, que sufoca a economia real (LS, p. 109). O poder está vinculado a um sistema financeiro (LS, p. 54 e 57). Os neoliberais são os responsáveis pelo ataque ao papel do Estado na promoção de políticas públicas que visam à justiça social. Para eles, a justiça social é incompatível com o livre mercado. A ordem social e econômica que deve vigorar tem de ser decidida pelas forças do mercado. Os neoliberais

entendem a humanidade e o planeta como um grande e universal mercado, composto de indivíduos identificados como consumidores, que calculam lucros e prejuízos em tudo o que fazem.

O Estado, quando disciplinado pelas finanças, tem a função de manter a segurança, garantir o controle social e criar condições para as operações de capital. O capital não tem função social alguma. No neoestado, não cabem reivindicações de justiça e dignidade do trabalho. O capital financeiro é parasitário, pois ele suga parcelas do orçamento público reservadas aos sistemas sociais (aposentadoria, saúde, educação e habitação). Os objetivos do mercado tornaram-se a razão de ser do Estado, independentemente da vontade popular. Seu único propósito é a manutenção do próprio mercado. O capitalismo traz as marcas da destruição das culturas, da natureza e da ética. A violência contra os pobres foi institucionalizada. O mercado governa saqueando os povos. O Estado deixou de promover as relações sociais de respeito entre as pessoas, de buscar a justiça social e de garantir os direitos sociais.

- **Para a DSI, qual deve ser o papel do Estado?**

O Estado tem a responsabilidade própria e intransferível no combate à exclusão, na promoção do bem comum e na defesa dos direitos de todos os cidadãos. A melhor forma de exercer a caridade é por meio da política (EG, p. 205).

A política não é mera arte ou técnica de exercer o poder, mas exercício da justiça pública. Santo Agostinho já nos alertava: “Removida a justiça, o que são os reinos senão um bando de ladrões?”,<sup>13</sup> pois “é sobre a justiça que o trono se firma” (Pv 16,12). Sem essa base, instala-se a opressão, como a história não se cansa de mostrar.

---

**13** AGOSTINHO, Santo. A Cidade de Deus, 1. IV, 4.

O Estado pode e deve legislar a respeito de uma distribuição justa dos bens; entre outras, por intermédio de uma política tributária que onere mais os ricos do que os pobres. Questões como a previdência social, a saúde pública, a educação, a abertura de novos postos de trabalho, a garantia dos direitos trabalhistas, entre outras, devem estar na ordem do dia das autoridades responsáveis.

O atendimento aos direitos e às necessidades básicas do indivíduo não pode depender do arbítrio dos governantes. O Estado tem o direito e o dever de orientar e regulamentar a distribuição dos recursos. Pode fazer cumprir a função social da propriedade, taxando mais os bens supérfluos e desapropriando terras que não cumprem sua função social, para o bem da maioria.

- **O que é a primazia do trabalho sobre o capital?**

“O capital, como forma de apropriação coletiva, pública ou privada, só é legítimo na medida em que serve ao trabalho”.<sup>14</sup> O capital é apenas o fruto material do trabalho. Questões relativas ao salário justo, à subsistência familiar e à grande chaga que é o desemprego são as principais preocupações do magistério nas relações entre patrões e empregados. Hoje, com o fenômeno da economia globalizada e a crescente precarização das relações empregatícias, tende a acirrar-se o conflito capital-trabalho. Palavras como “flexibilização das leis trabalhistas” ou “terceirização” representam verdadeiras ameaças. As consequências para a imensa maioria dos pobres de todo o planeta são as mais desastrosas.

---

<sup>14</sup> São João Paulo II. *Laborem Exercens*, Paulinas, São Paulo, 1981.

- **Como o sistema capitalista interferiu nos problemas sociais?**

No sistema capitalista, dá-se primazia absoluta ao capital. Infelizmente, nossa sociedade seguiu esse paradigma e, por isso, sofremos as mais nefastas consequências, que poderíamos resumir no lema: “Os fins justificam os meios”. No referido sistema, o Estado fica enfraquecido, dominado pela opção do neoliberalismo,<sup>15</sup> uma vez que é a economia quem determina e manda na política, e não ao contrário.

- **Quais políticas públicas são prioritárias hoje em dia?**

Podemos enumerar algumas que aparecem em vários documentos da Igreja, mas devemos ter presente o Texto Base (TB) da Campanha da Fraternidade do ano de 2019, que tinha por tema: “Fraternidade e Políticas Públicas”, lembrando que “políticas públicas se referem a um conjunto de ações a serem implementadas pelos gestores públicos, com vistas a promover o bem comum, na perspectiva dos mais pobres da sociedade” (TB, p. 13). Dentre tais ações, destacamos as apresentadas a seguir.

---

**15** “Domina cada vez mais, em muitos países americanos, um sistema conhecido como neoliberalismo; sistema este que, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis de mercado como parâmetros absolutos a prejuízo da dignidade e do respeito da pessoa e do povo. Por vezes, este sistema transformou-se numa justificação ideológica de algumas atitudes e modos de agir no campo social e político que provocam a marginalização dos mais fracos. De fato, os pobres são sempre mais numerosos, vítimas de determinadas políticas e estruturas frequentemente injustas” (EA, 56, p. 92).

- Reforma urbana.
- Economia solidária.
- Política educativa de inclusão social.
- Reforma tributária.
- Saúde pública.
- Reforma agrária.
- Vigilância sobre a corrupção e a impunidade.
- Controle administrativo.
- Demarcação e homologação das terras indígenas.
- Acesso à seguridade social.
- Defesa da soberania nacional.
- Proteção do meio ambiente.
- Promoção da segurança alimentar e nutricional.
- Reforma política.

**7. A violência:** é uma consequência imediata, que surge como reação contra tal situação.

Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigá-la. Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres. **Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade.** Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque

o sistema social e econômico é injusto na sua raiz. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor (EG, p. 59).

Princípios orientadores da convivência social, segundo o papa francisco

- **O tempo é superior ao espaço (EG, p. 222-225)**

Este princípio permite trabalhar em longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo. Para o Papa Francisco, inovar é iniciar processos e não só ocupar espaços, pois as mudanças não vão acontecer de forma imediata. “Um dos pecados que, às vezes, se notam na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder, em vez dos tempos dos processos. Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente”. Enfim, dar prioridade ao tempo, não à busca do poder. Ou seja, investir tempo em começar novos processos políticos, trabalhar em longo prazo, valorizando o tempo mais do que os espaços de poder, sem a obsessão por resultados imediatos. Enfim, suportar com paciência as situações difíceis em tempos obscuros e privilegiar ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos no compromisso político.

- **A unidade prevalece sobre o conflito (EG, p. 226-230)**

“O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser acolhido”. Conflitos são inevitáveis. Mas a causa que perseguimos é maior do que os conflitos. Por isso, precisamos saber administrar as diferenças sem perder o foco naquilo que realmente importa. Os mecanismos democráticos não procuram eliminar o conflito, mas canalizá-lo de maneira positiva. A unidade é superior ao conflito na medida em que preserva a sociedade da desintegração.

- **A realidade é mais importante do que a ideia (EG, p. 231-233)**

É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. É um princípio voltado especialmente aos teóricos, aos assessores e às lideranças, uma vez que toma em conta a pluralidade de correntes ideológicas e estratégias presentes no interior das comunidades eclesiais e das organizações populares. Deveria ocupar o centro das preocupações o combate à realidade da fome, do desemprego, da concentração de renda, do racismo, da violência, da miséria, da xenofobia e da exploração do trabalhador. Aos movimentos sociais, o Papa afirmou: “Este encontro não corresponde a uma ideologia. Vocês não trabalham com ideias, mas com a realidade. Tendes os pés na lama e as mãos na carne. O vosso cheiro é de periferia, de luta do povo” (I Encontro).

- **O todo é superior à parte (EG, p. 234-237)**

Este princípio adverte para a necessidade de um equilíbrio entre globalização e localização, para não se cair em um “universalismo abstrato e globalizante” ou em um “localismo ermitão”. Também se refere à perspectiva do bem da comunidade, que impede cair em uma parcialidade isolada e estéril.

# 3

## ECOLOGIA INTEGRAL: CUIDAR DOS POBRES E CUIDAR DA TERRA

Com o Papa Francisco, a questão social recebeu um novo acento: o grito dos pobres e o grito da Terra constituem um único apelo de Deus. Não há cuidado da Criação sem justiça social: a crise que assola os pobres é fruto de um sistema sociopolítico que despreza o ser humano e a degradação do meio ambiente tem seu maior impacto sobre os mais pobres. Francisco dedica grande atenção às causas que produzem essa agressão simultânea sobre a vida. Dentre todas as questões, destaca-se a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta (*Laudato Si*, p. 16ss). O ambiente humano e o ambiente natural se degradam juntos (LS, p. 48), de tal forma que ambos devem ser abordados conjuntamente (LS, p. 141). **Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental (LS, p. 139).** Não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem

ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da Terra quanto o clamor dos pobres (LS, p. 49 e todo o 1º capítulo). **Voltando ao Evangelho**, Francisco faz um apelo a **“cuidar da fragilidade”** (EG, p. 209-216) dos pobres e da Terra. É preciso “cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos” (EG, p. 216).

A crise da civilização exige tanto cuidar dos pobres quanto da Criação, pois não há ecologia integral sem cuidar dos pobres. “Os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial; proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (LS, p. 137).

**Ecologia é um conceito abrangente: “tudo está interligado”** (LS, p. 16, 91, 117, 138 e 240). Os problemas são globais e as soluções também. “A interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum” (LS, p. 164). A ecologia abarca um amplo movimento constituído por cidadãos comuns, ambientalistas, ONGs, grupos religiosos, pesquisadores e empreendedores. Ou seja, uma simultaneidade de atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais em âmbito local, nacional e planetário. A Igreja se soma a um movimento planetário em defesa da vida na Terra.

Nós mesmos somos a Terra (LS, p. 2): o destino do ser humano está associado ao destino do cosmos. O planeta não é um conjunto de recursos à disposição do homem, é uma casa comum, com quem partilhamos a existência (LS, p. 1). O qualificativo “integral” contempla uma gama de significados distintos e complementares: inteireza, articulação sem reduzir as diferenças, união da estética com a ética, diálogo entre fé e ciência, mul-

tiplicidade de fatores (ambientais, econômicos, sociais, políticos e culturais), ações pessoais e coletivas, espiritualidade e ciência.

A interação entre ecossistemas e comunidades humanas exige o cuidado das riquezas culturais (LS, p. 144). **O desaparecimento de uma cultura é tão grave quanto o de uma espécie (LS, p. 146).** A ecologia integral estreita os laços do ambiental com o social, uma vez que considera o meio ambiente por inteiro, incluindo o humano.

**O conceito de “integral”** compreende a maneira de abordar os problemas e encontrar soluções para a humanidade e o planeta. **As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS, p. 139).** O adjetivo “integral”, incorporado à “ecologia”, traduz o esforço de pensar de maneira articulada. O empenho ecológico não se limita a proteger a natureza. Os seres humanos estão em constante relação com os ecossistemas.

Não é somente uma questão ambiental. O ciclo da vida no planeta e a justiça social são inseparáveis. A ecologia integral relaciona outros temas da DSI: ecologia ambiental, econômica e social (LS, p. 138-142), ecologia cultural (LS, p. 143-146) e ecologia da vida cotidiana (LS, p. 147-155). Vincula-se diretamente com a opção pelos pobres, por sistemas econômicos e ideologias políticas. A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio central e unificador na ética social cristã (LS, p. 156).

## **I** Preocupação com as futuras gerações

**A busca do bem comum inclui a preocupação com as gerações futuras, a “justiça intergeracional” (LS, p. 159- 162).** A terra que recebemos pertence também àqueles que não de

vir. A nossa própria dignidade está em jogo, pois somos nós os primeiros interessados em oferecer um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder (LS, 160). Há algumas décadas, porém, o ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou as possibilidades do planeta.

O estilo de vida atual, portanto, é insustentável e desembocará em catástrofes no presente e no futuro. Precisamos de uma educação ambiental que nos ajude a desenvolver uma cidadania ecológica, crítica e construtiva, ética e espiritual, que nos faça superar os equívocos da globalização do modelo tecnocrático (LS, p. 106-109). “O mito do progresso absoluto em um mundo limitado apoia-se sobre um paradigma tecnocrático neoliberal cujo controle é exercido pelos poderosos” (LS, p. 52). A crise é profunda: **“A casa comum está sendo saqueada e devastada impunemente. A covardia em defendê-la é pecado grave”** (II Encontro). “Para além de qualquer previsão catastrófica, o certo é que o atual sistema mundial é insustentável por diversos pontos de vista” (LS, p. 139).

## II Mudar o estilo de vida, mudar a mentalidade, salvar o planeta

Este modelo de civilização não é o único possível. Diante da essência desumanizadora e antievangélica do capitalismo, a DSI propõe outra antropologia e outra ética, alicerçadas na conversão pessoal. A necessária mudança de sistema somente poderá ocorrer se estiver acompanhada de uma **mudança de mentalidade**, de valores e de cultura: uma transformação do estilo de vida. “Precisamos ser concretos para que os grandes princípios sociais não se tornem meras generalidades que não provocam a ninguém” (EG, p. 182).

Articular as duas dimensões da ética (pessoal e institucional) é passar de um comportamento individualista para um comportamento solidário. Para mudar as estruturas e os mecanismos econômicos, bem como a lógica do mercado e do sistema financeiro, é preciso começar pela vida cotidiana. Uma ecologia integral é feita também de simples gestos cotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração e do egoísmo (LS, p. 230).<sup>16</sup>

Para uma mudança de mentalidade e de estilos de vida, é preciso formar a consciência no sentido de dar importância ao sentido integral da casa comum. Nenhum projeto pode ser eficaz se não for animado por uma consciência responsável na dimensão educativa, espiritual, eclesial e política. **“Toda mudança tem a necessidade de motivações e de um caminho educativo” (LS, p. 15). No esforço de reformular comportamentos, a educação e a formação são fatores centrais**, uma vez que envolvem “todos os ambientes educacionais, por primeiro a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese” (LS, p. 213). Não se pode subestimar a importância de percursos de educação ambiental capazes de incidir sobre gestos e hábitos cotidianos, da redução do consumo de água à diferenciação do lixo, até apagar as luzes desnecessárias (LS, p. 211). A condição prévia para pensar nos novos modelos de sociedade é reconhecer a necessidade de mudança. “Precisamos converter o modelo

---

**16** Essas propostas se repetem na *Evangelii Gaudium*: “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora, pois a felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as muitas possibilidades que a vida oferece” (EG, p. 223). Isso torna possível “voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos” (EG, p. 229).

de desenvolvimento global, e isto implica refletir sobre o sentido da economia e dos seus objetivos, para corrigir as suas disfunções. Trata-se de redefinir o progresso” (LS, p. 194).

### III Iniciativas comuns

As iniciativas criativas dos pobres servem de modelos de inspiração: o catador de papelão, o artesão, o vendedor ambulante, o trabalhador informal, as mulheres do campo, os povos indígenas, as comunidades de pescadores, as comunidades das periferias, as ocupações, os morros e as favelas.

Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. O futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos ‘3 T’ (trabalho, teto, terra) e na participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais (II Encontro).

Os pobres desenvolvem uma ecologia humana, em meio a muitas limitações ambientais, como as péssimas condições de moradia. A pobreza extrema em ambientes desumanos facilita a perda das raízes, a proliferação de organizações criminosas e a violência. Os pobres são capazes de superar essas situações e fazer experiência comunitária (LS, p. 149).

Devido à crescente concentração de pessoas nas cidades e ao aumento da exclusão social, ganha importância a ecologia

urbana. O acesso à habitação (ter uma moradia) é questão central da ecologia urbana (LS, p. 152). A boa planificação urbana integra vários saberes, busca a qualidade de vida, a harmonia com o ambiente, o encontro e a ajuda mútua das pessoas (LS, p. 150). No ambiente urbano, o Papa convida a cuidar dos espaços comuns, a fim de melhorar o sentimento de “estar em casa” dentro da cidade (LS, p. 151).

A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio central e unificador na ética social cristã (LS, p. 156). O bem comum exige respeito aos direitos humanos fundamentais e à promoção da paz social (LS, p. 157).

#### **IV Trabalho e meio ambiente**

Para o Papa Francisco, “uma ecologia integral exige que se leve em conta o valor subjetivo do trabalho aliado ao esforço de se prover acesso ao trabalho estável e digno para todos” (LS, p. 191). A ecologia integral envolve dois aspectos: a dignidade do trabalhador e o cuidado com o meio ambiente. “O trabalho sustentável passa por garantir acesso universal ao trabalho decente e ao fomento da saúde” (LS, p. 13). Da relação entre natureza, trabalho e capital depende o futuro da espécie humana. O mundo do trabalho é parte da solução da crise socioambiental. A ecologia integral articula trabalho decente e justiça social. Em qualquer abordagem de ecologia integral, é indispensável incluir o valor do trabalho. Deus colocou o ser humano no jardim recém-criado (Gn 2,15) não só para cuidar do existente (guardar), mas também para trabalhar nele, a fim de que produzisse frutos (cultivar) (LS, 124).

Qualquer forma de trabalho pressupõe uma concepção sobre a relação que o ser humano pode estabelecer com o outro

diverso de si mesmo (LS, p. 125). Porém, quando no ser humano se deteriora a capacidade de contemplar e respeitar, criam-se as condições para se desfingurar o sentido do trabalho. No trabalho estão em jogo muitas dimensões da vida: criatividade, projeção do futuro, desenvolvimento das capacidades, prática dos valores, relações humanas e espiritualidade (LS, p. 127).

### V Economia e progresso tecnológico

A orientação da economia favorece um tipo de progresso tecnológico que reduz os custos de produção, diminuindo os empregos. Essa estratégia tem impactos negativos, pois corrói o “capital social”. Os custos humanos são sempre também custos econômicos e o progresso tecnológico não deveria substituir o trabalho humano, pois isso prejudica a humanidade. O trabalho faz parte do sentido da vida e é caminho de realização pessoal. Seu verdadeiro objetivo deveria ser garantir aos pobres uma vida digna por meio do trabalho (LS, p. 128). Para se conseguir continuar a gerar emprego, é indispensável promover uma economia que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial, como, por exemplo, a variedade de sistemas alimentares rurais de pequena escala (agricultura familiar). As economias de larga escala, especialmente no setor agrícola, obrigam os pequenos agricultores a vender suas terras ou a abandonar suas culturas tradicionais (LS, p. 129).

### VI Cooperação e diálogo

Outro fator importante para se desenvolver uma ecologia integral é **buscar e dialogar** com distintos saberes (LS, p. 141). Não há ecologia sem uma adequada antropologia (LS, p. 118) e

essa é a proposição para um desenvolvimento que seja sustentável e integral (LS, p. 13).

O Papa Francisco propõe empreender, em todos os níveis da vida social, econômica e política, um diálogo honesto que inaugure processos de decisões transparentes. O diálogo é o instrumento para resolver os problemas. As igrejas e comunidades cristãs – bem como outras religiões – têm expressado uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre o tema da ecologia (LS, p. 7). As religiões têm uma riqueza a oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do gênero humano (LS, p. 62): um diálogo pautado pela aposta em novos modelos socioeconômicos (LS, p. 94), na criação de sistemas normativos que incluam limites e assegurem a proteção dos ecossistemas (LS, p. 53).

- **Dialogar com as ciências:** a seu modo, elas servem ao Senhor. É preciso “um debate científico e social que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome a partir de linhas de pesquisa autônomas e interdisciplinares que possam trazer nova luz” (LS, p. 135).
- **Dialogar com as culturas:** as culturas locais e as populações indígenas têm muito a ensinar sobre o amor à Terra (Documento de Aparecida, p. 470-473). Esses povos oferecem um exemplo de vida em harmonia com o ambiente que eles aprenderam a conhecer e preservar. Sua experiência corre o risco de se perder juntamente com o ambiente do qual se origina. “A biodiversidade está associada à riqueza das culturas, com seus conhecimentos de medicina natural, muitas vezes ilicitamente apropriados e patenteados por indústrias farmacêuticas e de biogenética” (DA, p. 83).

## VII A natureza tem um limite

O Papa fala de mudar de **paradigma e convida ao decréscimo**.<sup>17</sup> O capitalismo pensa o ecossistema como um elemento periférico da economia ou como um depósito de onde se retira o que se quer. Porém, se o nível de consumo continuar ultrapassando o limite planetário para alimentar uma pequena porção da população, a degradação acelerada do planeta será inevitável.

## VIII Responsabilidade política

É grave a responsabilidade da política internacional e local diante da crise social e ambiental (LS, p. 16). As mudanças climáticas são um problema global, com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para os responsáveis pelos rumos da humanidade (LS, p. 25). Então, como explicar a passividade e a ausência das autoridades políticas diante de uma das mais preocupantes crises socioambientais da história contemporânea?

---

**17** “Se em alguns casos o desenvolvimento sustentável implicará novas modalidades para crescer, noutros casos – em face do crescimento ganancioso e irresponsável, que se verificou ao longo de muitas décadas – devemos pensar também em abrandar um pouco a marcha, pôr alguns limites razoáveis e até mesmo retroceder antes que seja tarde. Sabemos que é insustentável o comportamento daqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana. Por isso, chegou a hora de aceitar certo **decrécimo do consumo** em algumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa crescer de forma saudável em outras partes” (LS, p. 193).

### Francisco aponta seis razões:

1. Muitos que detêm recursos e poder econômico e político parecem concentrar-se, sobretudo, em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos das mudanças climáticas (LS, p. 26).
2. A subordinação da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cúpulas mundiais da ONU sobre o meio ambiente. Há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afetados os seus projetos (LS, p. 54).
3. A política deveria dedicar maior atenção para prevenir e resolver as causas que podem dar origem a novos conflitos. Entretanto, o poder, ligado com a finança, é o que “maior resistência põe a tal esforço, e os projetos políticos carecem muitas vezes de amplitude de horizonte” (LS, p. 57).
4. A política não acompanha os avanços acelerados da economia. Na comunidade internacional, a política e a indústria reagem com lentidão, longe de estar à altura dos desafios mundiais (LS, p. 165).
5. O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política (LS, p. 109).
6. Proclama-se a liberdade econômica, enquanto as condições reais impedem que muitos possam efetivamente ter acesso a ela, e, ao mesmo tempo, se reduz o acesso ao trabalho, o que se torna um discurso contraditório que desonra a política (LS, p. 129).

É urgente “que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise a sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do mundo” (EG, p. 205).

## **Fratelli Tutti, um novo paradigma de sociedade para o mundo**

Em 3 de outubro de 2020, o Papa Francisco publicou a **Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (FT) – *Todos irmãos. Fratelli Tutti*** pede a fraternidade e a amizade entre todos os povos do mundo como habitantes da mesma casa, da mesma *casa comum*. Seu objetivo é refletir sobre a fraternidade e a amizade social aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física. É o espírito da fraternidade universal, de uma sociedade fraterna, pregada e vivida por São Francisco. Por isso, o documento foi assinado ao lado do túmulo do Santo de Assis.

O Pontífice parte do princípio de que Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos, alimentando o novo sonho de fraternidade universal e de amizade social que não se limita a palavras.

É um texto que, para muitos, complementa perfeitamente a ***Laudato Si*** (2015), na qual se fez um apelo ao mundo inteiro para cuidar da *casa comum*. Agora, o Papa nos chama a viver em fraternidade, a cultivar a amizade social no mundo, em um mundo sem fronteiras, onde o centro é construir um mundo melhor e mais justo.

O Papa Francisco dedica 287 parágrafos à fraternidade e à amizade social. É um texto dirigido a todos, crentes ou não, cristãos ou de outras confissões religiosas, como um contributo para a reflexão e o diálogo entre todos. Enfim, seja a partir da fé em Deus ou de convicções pessoais de outro tipo, a verdade é que somos todos irmãos e devemos fazê-lo com empenho para nós nos realizarmos como pessoas humanas e para construir a sociedade que nos constitui como tal, que precisa de todos nós e da qual não há sobras.

Não é difícil de perceber que o Papa Francisco, na referida encíclica, rejeita o atual modo de viver na *casa comum*, pois afirma: “Se alguém pensa que se trata apenas de fazer funcionar o que já fazíamos ou que a única lição a tirar é que devemos melhorar os sistemas e as regras já existentes, está negando a realidade” (FT, p. 7). Diretamente, afirma que “é uma ilusão enganadora pensar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco” (FT, p. 30). Em função disso, adverte: “Ninguém se salva sozinho, só é possível salvar-nos juntos” (FT, p. 32). Numa mensagem nas redes sociais, posteriormente, declarou: “Ou nos salvamos todos ou ninguém se salva”. Em vários outros lugares, faz afirmações semelhantes. Não se trata mais de melhorar, mas realmente de “sonhar e de pensar numa humanidade diferente” (FT, p. 127). Urge construir “um novo vínculo social” (FT, p. 66).

Francisco critica diretamente as quatro colunas que sustentam a atual ordem mundial: o mercado em termos de economia, o neoliberalismo em termos de política, o individualismo em termos de cultura e a devastação da natureza em termos de ecologia: “O mercado, por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se dum pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as

mesmas receitas perante qualquer desafio que surja. O neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo [...] como única via para resolver os problemas sociais” (FT, p. 168). O individualismo é apresentado “como o vírus mais difícil de vencer; não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade [...] como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum” (FT, p. 105). Em termos de ecologia, as opções pelo mercado, o neoliberalismo e o individualismo provocaram o surgimento daquelas que são consideradas novas épocas geológicas: o *antropoceno*<sup>18</sup> e o *necroceno*.<sup>19</sup>

O Papa Francisco ressalta: encontramos-nos atualmente num mundo “sem um projeto para todos” (FT, p. 15 e 31), reféns do projeto privado dos mais fortes, que instauram uma perversa opressão econômica, social e cultural sobre todas as sociedades humanas.

---

**18 O termo se relaciona com o impacto das atividades das pessoas no planeta Terra.** Trata-se de uma nova época geológica moldada pela humanidade e que está em andamento. A mudança climática, o rápido acúmulo de gases de efeito estufa e os danos irreversíveis causados pelo consumo excessivo de recursos naturais são um reflexo das atividades humanas no meio ambiente. O impacto dessas ações é tal que existe uma corrente de cientistas que defendem que os humanos estão mudando a Terra e seus processos em uma escala muito maior do que todas as outras forças naturais combinadas. Portanto, o planeta estaria vivenciando o que se convencionou chamar de *antropoceno*.

**19 *Necroceno*** é a morte em massa das vidas humanas, de forma a representar uma grande quantidade de óbitos por razões diversas, como a morte gerada pelo Coronavírus em 2020 (Covid-19), que repercutiu em milhões de mortes no mundo, devido à pandemia. Enquanto o mundo não pensar junto em como solucionar os problemas globais, outras ocorrências de *necroceno* podem ocorrer, talvez não como doenças, mas advindas da problemática do clima e da desigualdade social, por exemplo, que faz milhões de pessoas morrerem de fome em todo o mundo, cujo quantitativo é bem maior do que a pandemia.

A **Carta-Encíclica *Fratelli Tutti*** também faz uma advertência muito forte em relação aos gigantescos interesses econômicos que operam no mundo digital, muitas vezes com agressividade social e em circuitos fechados, que facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódios: “Os fanatismos, que induzem a destruir os outros, são protagonizados também por pessoas religiosas, sem excluir os cristãos, que podem fazer parte de redes de violência verbal através da *internet* e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital” (FT, p. 46).

# 4

## A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, A POLÍTICA E O PAPA FRANCISCO

A relação entre a Igreja e a democracia foi, por muito tempo, atormentada e difícil. Papa Leão XIII foi o primeiro a abrir uma fresta em relação ao sistema democrático moderno, pois até então vigorava a ideia da origem divina da autoridade, mas ele se limitou a esclarecer que a Igreja rejeitava a concepção iluminista da soberania popular e não o regime democrático (*Libertas*, p. 32). Com o Papa Pio XII (1939-1958), a democracia já foi aceita com serenidade. O Vaticano II valoriza a participação dos leigos nas realidades temporais (GS, p. 76). Já o Papa Paulo VI incentivou a buscar uma forma de democracia mais participativa (AO, p. 24). Por sua vez, o Papa São João Paulo II, com a **Encíclica *Centesimus Annus***, acentuou, de forma definitiva, a aprovação plena do sistema democrático, explicando em que consiste a democracia com maturidade:

A Igreja encara com simpatia o sistema da democracia, enquanto assegura a participação dos cidadãos nas opções políticas e garante aos governados a possibilidade quer de escolher e controlar os próprios governantes, quer de os substituir pacificamente, quando tal se torne oportuno; ela não pode, portanto, favorecer a formação de grupos restritos de dirigentes, que usurpam o poder do Estado a favor dos seus interesses particulares ou dos objetivos ideológicos (CA, p. 46).

Hoje, a democracia representativa está em crise, porque, depois do fim das ideologias dos séculos XIX e XX, a política perdeu a sua tensão ideal e a sua inspiração ética. Privada de tensão ideal, ela se transformou em mero pragmatismo e, conseqüentemente, a representação democrática tornou-se fragmentada e conflitiva, incapaz de realizar, como deveria, a unidade no respeito pela pluralidade. **De instrumento, o poder se transformou em fim: não se busca o poder para fazer política, mas se faz política para ter poder.** Numa expressão, “a política perdeu a alma”. E, quando uma realidade vivente perde a alma, corrompe-se. A corrupção da política tomou um rumo estrondoso. Ora, toda vez em que a política entra em crise, desenvolvem-se inevitavelmente duas graves patologias, que podem se tornar mortais para a própria democracia: a aversão à política e o populismo.

- **Aversão à política:** se difunde, sobretudo, entre os cidadãos e se manifesta principalmente no desinteresse e no absenteísmo, até a rejeição da classe dirigente e do próprio sistema democrático: “Fora, Fulano! Fora, Beltrano! Fora, Sicrano!”.

- **Populismo:** atinge, sobretudo, quem governa e exerce o poder. Manifesta-se como tendência a privilegiar a relação direta com o povo (ressalta-se via *web* e frequentemente com disseminação de *fake news*), relegando para segundo plano as mediações institucionais e as regras da democracia representativa, com consequências nefastas.

O Papa Francisco vem se tornando uma autoridade respeitada internacionalmente por todos, católicos e não católicos. Ele está propondo bases éticas para as relações políticas, baseadas na justiça social e no diálogo, na construção de pontes e não de muros. Trata-se da sua “doutrina diplomática”: derrubar muros ideológicos, religiosos e étnicos, para construir pontes de diálogo. Com esse pensamento e no espírito de uma “Igreja em saída”, Francisco inaugura uma nova geopolítica do Vaticano (EG, p. 26-27).<sup>20</sup>

Neste momento de crise, a política parece viver seu ocaso. O poder econômico desestabilizou o Estado e nenhuma medida social é tomada sem a consulta ao mercado. As instituições não estão organizadas em função do bem comum. O capital financeiro tem o poder de governos e governos poderosos apoiam o grande capital. Os neoliberais enunciam que só há uma política possível: as “leis do mercado”. Nesta crise, evidenciam-se os aspectos apresentados a seguir.

---

**20** Sua geopolítica está marcada por aproximar EUA e Cuba durante os governos de Barack Obama e Raul Castro. As “pontes” de Francisco levam a processos de aproximação, tal como está acontecendo com a Rússia e a China. Marcelo Sánchez Sorondo, chanceler da Pontifícia Academia das Ciências do Vaticano, depois de uma viagem a Pequim, disse: “Há muitos pontos de encontro entre a China e o Vaticano. [...] Pequim está defendendo a dignidade da pessoa, seguindo, mais do que os outros países, a Encíclica *Laudato Si'*”. A “diplomacia da misericórdia” aproxima Bergoglio de países da América Latina e do Caribe, da Ásia e do Oriente, distanciando-o de líderes insensíveis às questões sociais, aos imigrantes e aos trabalhadores.

## 1) Política sem democracia participativa

O sistema de representação da política indireta está obsoleto. Uma sociedade pode ser chamada de democrática quando todos os indivíduos são tratados com dignidade. Qualquer retrocesso na democracia traz consequências terríveis aos direitos humanos, econômicos e sociais. O desrespeito à soberania popular feriu de morte a democracia em vários países do mundo. Os políticos não estão à altura dos desafios sociais, ambientais e econômicos. Eles vêm perdendo espaço na governança global.<sup>21</sup>

Diante de uma democracia em crise, é preciso recuperar seu princípio pétreo: o sujeito da autoridade política é o povo, considerado na sua totalidade como detentor da soberania. O povo deveria ser a principal referência dos agentes políticos, não o mercado. Então, como acreditar nas possibilidades de mudança política? **A mudança depende muito das escolhas políticas de cada cidadão.** Todos os povos são chamados a promover uma cultura do encontro e do bem viver. Para os católicos, é um dever: “Lembremo-nos de que ser cidadão fiel é uma virtude e a participação na vida política é uma **obrigação moral**” (EG, p. 220). A Igreja não tem soluções para todas as questões sociais, mas valoriza a **sociedade organizada**, que certamente poderá oferecer propostas que melhor correspondam à dignidade da pessoa humana (EG, p. 241). A Doutrina Social da Igreja postula

---

**21** Em 11/04/19, o governo extinguiu mais de 600 conselhos sociais criados em administrações anteriores. “Os alvos principais são conselhos sociais que integram a Política Nacional de Participação Social (PNPS) e o Sistema Nacional de Participação Social (SNPS), criados na gestão Dilma Rousseff em 2014. Essa foi mais uma das medidas implementadas na quinta-feira (11/04/19) pelo presidente Jair Bolsonaro via decreto, na comemoração do 100º dia de gestão”. Infelizmente, pretende-se o fim da democracia participativa.

que o ideal da política centrada no bem comum passa, mais do que os partidos políticos, pela sociedade organizada:

É indispensável que a comunidade civil se aproprie novamente daquela função política, que demasiado frequentemente delegou exclusivamente aos “profissionais” desse compromisso na sociedade. Não se trata de superar a instituição “partido”, que permanece essencial na organização do Estado democrático, mas de reconhecer que se faz política não apenas nos partidos, mas também fora deles, contribuindo para um desenvolvimento global da democracia, com a tomada de responsabilidades de controle e de estímulo, de proposta e de atuação de uma real e não apenas conclamada participação.<sup>22</sup>

Para uma democracia mais madura, é necessária uma nova cultura da participação e da solidariedade. Trata-se de superar a visão antropológica neoliberal, utilitarista e individualista, que está na origem do relativismo ético, que colocou em crise a “democracia representativa”.<sup>23</sup>

---

**22** Nota Pastoral da Comissão Eclesial Justiça e Paz, da Conferência Episcopal Italiana, 04/10/1991, nº 17.

**23** O Papa Bento XVI, na Encíclica *Spe Salvi* (30/11/2007), analisou como se formou no Ocidente essa cultura na onda do progresso científico e técnico, estabelecendo uma relação ambígua entre liberdade e razão (p. 16-23), e concluiu: “Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior, então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo” (p. 22).

## 2) Desigualdade, consumismo e injustiça social

A causa da pobreza no mundo é estrutural. Os efeitos da injustiça social, em uma leitura política, são duas: desigualdade e consumismo. “A cultura do bem-estar anestesia-nos. Perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma” (EG, p. 54).

O princípio unificador da política, na visão de Francisco, é a primazia dos pobres, dos últimos da sociedade, dos sem poder. **A opção pelos pobres é uma categoria política.** “Eles têm muito para nos ensinar. Somos chamados a descobrir Cristo neles” (EG, p. 198). Seja quando fala aos movimentos populares, aos líderes religiosos ou aos chefes de Estado, a mensagem do Papa é a mesma: caminhar juntos a partir da centralidade da preocupação com os mais pobres. “Isso exige uma verdadeira política, em que os direitos sociais, os direitos humanos e o bem comum sejam os eixos estruturantes e não meros apêndices para adornar os discursos políticos” (EG, p. 203).

Francisco não está preocupado com as contraposições políticas entre católicos, socialistas e liberais. Sua questão é quem está do lado dos pobres. Sabemos que, “enquanto não se resolverem radicalmente os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da iniquidade, não se resolverão os problemas do mundo e, definitivamente, nenhum problema. A iniquidade é a raiz dos males sociais” (EG, p. 202).

## 3) A justiça é um dever central da política

Um Estado que não se orienta pela justiça é comparável a um grande bando de ladrões (Santo Agostinho). A primeira fina-

lidade das instituições políticas é a concretização de uma ordem social justa.<sup>24</sup>

O Evangelho ensina que a medida intrínseca de toda política é que a justiça e o direito do pobre sejam garantidos. As desigualdades sociais e econômicas são uma realidade política que interpela a consciência cristã. “Embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (EG, p. 183).

#### 4) Função do Estado: governar para o bem comum

A justa ordem da sociedade e do Estado é dever central da política. O bem comum é um dos fios condutores. O Estado

---

24 Em discurso na visita à Organização das Nações Unidas (25/09/2015), o Papa Francisco reforçou esse entendimento da DSI: “A definição clássica de justiça contém como elemento essencial uma vontade constante e perpétua para garantir o direito de todos (*Justitia est constans et perpetua voluntas ius suum cuique tribuendi*). O mundo pede vivamente a todos os governantes uma vontade efetiva, prática, constante, feita de passos concretos e medidas imediatas, para preservar e melhorar o ambiente natural e superar o mais rapidamente possível o fenômeno da exclusão social e econômica, com suas tristes consequências de tráfico de seres humanos, tráfico de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual de meninos e meninas, trabalho escravo, incluindo a prostituição, o tráfico de drogas e de armas, o terrorismo e a criminalidade internacional organizada. Devemos ter cuidado com as nossas instituições para que sejam realmente eficazes na luta contra estes flagelos. É preciso não perder de vista, em momento algum, que a ação política e econômica só é eficaz quando é concebida como uma atividade prudencial, guiada por um conceito perene de justiça e que tem sempre presente que, antes e para além de planos e programas, existem mulheres e homens concretos, iguais aos governantes, que vivem, lutam e sofrem e que muitas vezes se veem obrigados a viver miseravelmente, privados de qualquer direito”. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150925\\_onu-visita.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html)>. Acesso em 13/04/2019.

é responsável direto pelo bem comum. “A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda política econômica” (EG, p. 203). O bem comum exige respeito aos direitos humanos fundamentais para garantir a promoção da paz social (LS, p. 157). **Num contexto mundial de tantas desigualdades sociais e de pessoas descartadas, a opção preferencial pelos pobres é essencial para a efetiva realização do bem comum (LS, p. 158).**

O bem comum não considera a pessoa tomada em sua singularidade, mas enquanto relação com outras pessoas. Todos têm o direito de fruir das condições de vida social criadas pelos resultados da consecução do bem comum. A terra que recebemos pertence também àqueles que não de vir (LS, p. 159). “Que tipo de mundo deixaremos às crianças que estão crescendo? A nossa própria dignidade está em jogo. Somos nós os primeiros interessados em oferecer um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder” (LS, p. 160). O princípio do bem comum se opõe à lógica egoísta da acumulação ilimitada da riqueza do neoliberalismo. Práticas políticas e econômicas separadas da ética do bem comum contradizem radicalmente a visão cristã do mundo e da sociedade. **O cristão jamais pode apoiar modelos de Estado e sistemas de governo que se opõem ao bem comum.**

O protagonismo do Estado na economia busca resistir à ditadura do dinheiro (EG, p. 55). Uma economia com rosto humano necessita de uma articulação política nova que liberte o Estado do controle do mercado. Ir além do modelo de sociedade atual pressupõe uma profunda transformação das instituições públicas, de modo que o Estado promova relações sociais de respeito entre as pessoas e trabalhe pela justiça social. “Temos de reconhecer que nenhum dos graves problemas da humanidade

pode ser resolvido sem a interação dos Estados e dos povos em nível internacional. Nenhum governo pode atuar à margem de uma responsabilidade comum” (II Encontro). O Estado é o principal responsável por garantir a coesão da sociedade em torno dos fins éticos comuns. A política deve fazer de todo ser humano um cidadão. A finalidade da democracia é garantir a igualdade de direitos. **Somente governos democráticos governam no interesse dos governados.**

### 5) Compromisso do cristão

Diante dos graves problemas políticos, a visão cristã não pode ser passiva ou resignada. É dever do católico participar da política: “Devemos implicar-nos na política, porque a política é uma das formas mais elevadas da caridade, visto que procura o bem comum” (EG, p. 205). Em *Gaudete et Exsultate*, Francisco apresenta a pessoa de Jesus como referência do agir cristão na política.

A justiça que Jesus propõe não é como a que o mundo procura, uma justiça muitas vezes manchada por interesses mesquinhos, manipulada para um lado ou para outro. A realidade mostra-nos como é fácil entrar nas súcias da corrupção, fazer parte dessa política diária do ‘dou para que me deem’, onde tudo é negócio. E quantas pessoas sofrem por causa das injustiças, quantos ficam assistindo, impotentes, como outros se revezam para repartir o bolo da vida. **Alguns desistem de lutar pela verdadeira justiça e optam por subir para o carro do vencedor.** Isso não tem nada a ver com a fome e sede de justiça que Jesus louva (GE, p. 78).

Concluimos com esta prece do Papa Francisco: “Deus de amor [...], iluminai os donos do poder e do dinheiro para que não caiam no pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos e cuidem deste mundo que habitamos” (LS: Oração Cristã com a Criação).

## Leia todos os títulos da coleção:



### Estudo 1

**Doutrina Social da Igreja:**  
Fundamentos bíblicos  
e primeiros séculos do  
cristianismo



### Estudo 2

**Doutrina Social da Igreja:**  
As grandes Encíclicas Sociais,  
abordagem histórica sobre a visão da  
Igreja em Relação às questões sociais



### Estudo 3

**Doutrina Social da Igreja:**  
Magistério do Papa  
Francisco



### Estudo 4

**Doutrina Social da Igreja:**  
Os grandes princípios

Organização:



**CNBB**  
CONFERÊNCIA NACIONAL  
DOS BISPOS DO BRASIL

Comissão Episcopal  
para a Ação  
Sociotransformadora

Apoio:

**misereor**  
GEMEINSAM GLOBAL GERECHT

**P**ORTICUS



[cepastcnbb.org.br/](http://cepastcnbb.org.br/)

**Acesse nosso site e nossas redes**

 @Cepastcnbb

 Cepast-CNBB

 Cepast CNBB

 @Cepastcnbb